

# OCCIDENTE



REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 16 n.º	Semest. 18 n.º	Trím. 6 n.º	N.º à entrega	33.º Anno — XXXIII Volume — N.º 1148	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	640	120	<b>20 de Novembro de 1910</b>	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem).....	4\$000	2\$000	640	120		
Extrangeiro e India.....	3\$000	1\$500	640	120		



MARECHAL HERMES DA FONSECA

NOVO PRESIDENTE DA REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL, QUE TOMOU POSSE EM 15 DO CORRENTE

## CHRONICA OCCIDENTAL

Só se fala em grèves. Grève de todos e de tudo. Resta saber se a humanidade está de ganho com as reivindicações e as conquistas sociaes obtidas pelos tempos modernos sobre os velhos tempos.

D'antes, quando ainda aqui ninguem ouvira falar de socialismo ou coisa parecida, as classes laboriosas queixavam-se muito menos e parecia tirarem da vida muito mais proveito em paz de alma e contentamento sóbrio. Os salarios não eram tanto, o trabalho era mais; e os patrões, que enriqueciam mais depressa, só se fôsem muito carrascos é que não podiam contar com um amigo em cada um dos seus operarios.

Vieram as idéas novas e com ellas tudo entrou a mudar de figura. O homem de trabalho, que passou a chamar-se proletario e não quiz mais que o tratassem por outro nome, encheu-se da vaidade de ser a primeira machina productora das riquezas, e imaginou exigencias que, por não ser possível contentá-las, só lhe serviram de apouquiação e para lhe dar amargos de bôca.

Adeus, então, accommodado e descuidado correr do tempo que a vida lhe fôra e era!

Nunca mais elle teve o gosto de vêr romper a aurora de um dia de trabalho, quando já levava galgada a metade do caminho que ia dar á sua fabrica ou á sua officina. Nunca mais saboreou o momento ineffavel do ir para a cama com cêdo, para o somno reparador, ao fim d'esse tão longo dia.

A associação de classe transviou-o da familia, a solidariedade com os camaradas deu-lhe o desapego da mulher e dos filhos. Já não ha quem o veja chegar a casa num sabbado á noite com a satisfação de ter recebido a fêria, poder pagar o que se tinha comprado fiado, e, antegosando o descanso do dia seguinte, pegar da guitarra, sentar-se na soleira da porta, e, com os pequenos á roda de si emquanto a mãe lhes fôsse fazendo a ceia, tocar e cantar o fado até tarde. Agora, todo o tempo de folga, e ainda mais algum que se rouba ás horas de trabalho, é pouco para os discursos com que elle imagina que ha de endireitar o mundo.

A sessão de propaganda, a assembléa geral, a reunião de protesto, o comicio, absorvem-no. O seu gosto é falar, falar e gesticular muito, invecivando o capital.

Tão longe vae o tempo em que não se sabia o que era a grêvel tempo em que o operario ajudado só sabia fazer jus ao augmento do salario, atirando-se de bôa vontade ao trabalho porfiando nelle.

Era esse o tempo dos bailes campestres, e não sei de divertimento que mais enchesse as medidas áquelles que o promoviam e nelle tomavam parte.

Antes de mais nada, queria se o ar livre, o recinto amplo, a fresquidão. O quintal era a sala, com a infinidade da abobada celeste por cobertura, o chão ensaibrado, a iluminação com balões á veneziana dependurados nos ramos das arvores e entre a folhagem das latadas.

Respirava-se bem, mexia-se a gente quanto podia, estava-se á vontade. Fôsse lá alguém dizer-lhes que parassem de dansar, e viessem ouvir, suffocados, apertados entre quatro paredes, a palavra fluente e preclara de um dos mais fervorosos propagandistas da causa proletaria. Isso vinham elles! As valsas pegavam-se ás mazurkas, e as mazurkas ás polkas, como as voltas incessantes de um corropio vertiginoso. Podia, ás vezes, interromper-se a musica, porque se aquelles que dansavam o faziam só por gosto, com aquelles que tocavam não acontecia outro tanto: tocavam para ganhar a vida. E uma coisa é correr por gosto, o que não cança; outra o correr por obrigação, que não ha nada que mais puxe p'lo peito. O que não parava nunca era o dar á perna. Tanta dansa até parecia que lhes servia de descanso...

O baile campestre era escola de boas maneiras e do trato de sociabilidade.

As raparigas acostumavam-se a ser requestadas com delicadeza pelos namorados, e faziam a diligencia por lhes corresponder com deferencias equivalentes; mas isto sem caso pensado, nem toleima, desaffectedamente, como vinha.

— «O' Cremilda...»  
— «Diz, Ignacio...»  
— «Tu amas-me devêras?»  
— «Pois ainda m'ô perguntas?»  
— «Mas tens mesmo a certeza de que me amas como dizes?»

— «Tenho!»  
— «Então vae dar-me uma prova...»  
— «As que tu quizeres.»  
— «Fôges comigo, Cremilda?»

E a pobre da pequena, quando tal ouvia, rompia em soluços e debullava-se em lagrimas, que nem uma cascata de Cintra.

O figurão deixava-a amargurar um bocado o bem que lhe sabia o baile, e quando percebia que ella já não chorava tanto, teimava:

— «Vês? Foi logo á primeira. Eu bem o sabia. Tens medo de passar fome na minha companhia.»  
— «O' Ignacio, não digas isso!»  
— «Isso é que digo.»  
— «Ignacio!»  
— «Então se não é assim, vem!»

Mas redobravam os soluços e redobravam as lagrimas. Já o lençinho d'ella, de encharcado, se podia torcer. Tomava-lhe então o namorado a mão nervosa, que apertava na d'elle, e dando por finda a experiencia, socegava a:

— «Está bem. Não chores mais, que já não é preciso.»

— «Mas tu não acreditas...»  
— «Acredito. O que quiz foi experimentar-te. Agora como não fôges, tambem eu já não fujo.»  
E amavam-se mais do que nunca.

Os paes tinham confiança nas filhas; ellas enchiavam-se de brio e não envergonhavam os paes.

No baile campestre, engendrava-se o namoro de bons intuitos, ajustava-se o casamento, passava-se a lua de mel, e quantas vezes não acontecia a esposa dar ali mesmo á luz, no intervallo de duas danças, o fructo de seu licito amor! Apparecer no baile com o seu menino ao collo, pô-lo aos peitos deante de todos, era gala que não se trocava por nenhuma outra.

Mas ao poder dos tempos nada resistia: nem o amor materno. A civilização condemnou a ira dos paes que protegiam a honra das filhas com os ferrolhos dos conventos, e facilitou á mulher, por todos os meios velhos e por muitos meios novos, o desmando e a deshonra. Faz-lhe correr todos os riscos de ter filhos na deshonestidade, e recommenda-lhe que não queira tê los. A honestidade, essa, prudentemente evita-os o mais que pôde.

O baile campestre esfalfava, mas moralisava. O operario gastava nas reviravoltas da valsa, nas palpações da polka e nos vae-vens da mazurka as ultimas gottas do suor do seu rosto que lhe tinham sobejado da labuta da semana; mas não queria saber do jogo de cartas a dinheiro, nem do sumo da uva emborcado aos litros, nem de nenhum dos outros encantos da taberna. A sangria, o capilé, a limonada de cavallinho triunfavam, matando a sede e refrescando o sangue. O par de queijadas da Sapa adoçava a existencia.

Vestido novo ou farpella nova que houvesse para deitar, esperavam pelo baile campestre, que era onde mais davam na vista; mas como tudo ali era modestia e fraternidade, deixava-se aos ricos o gosto das fazendas caras, e só se procurava tirar o melhor effeito que fôsse possível das chitas e das mesclas. As raparigas não davam um vintem a ganhar a costureiras, ufanando-se com isso, pois tudo o que vestiam o faziam com suas mãos; os rapazes eram a melhor freguezia dos alfaiates de escada, que nem sequer sonhavam então com o perigo de se verem um dia arruinados pela concorrência de collegas remendões que haviam de ir diplomar-se em Londres, para depois se estabelecerem com espavento em primeiros andares do Chiado!

JOÃO PRUDENTIO.

## O novo Presidente da Republica dos Estados-Unidos do Brasil

### Marechal Hermes da Fonseca

O dia 15 de novembro é anniversario da proclamação da Republica dos Estados Unidos do Brasil, como o dia 7 de setembro é o da sua independencia proclamada pelo grito do Ypiranga.

São dias de jubilo para a nação brasileira, de verdadeira festa nacional, a que hoje mais do que nunca se associa a nascente Republica Portuguesa, tão irman pela raça, pela lingua e pelas tradições, como hoje é pelo regimen politico que a governa.

Quem, como eu, ha cincoenta annos conheceu o Brasil de visu proprio sob o regimen monarchico, num estado apatico, numa quasi absoluta

dependencia do estrangeiro que ali levasse a sua industria, os seus productos agricolas, a sua navegação e commercio; que desembarcasse constantemente em seus portos, centenas e milhares de colonos para desentranharem as riquezas daquelle solo privilegiado, com que depois regressavam á Europa os felizes que conseguiam escapar ás doenças endemicas do país, quem, emfim, assistia a esta exploração estrangeira, aceita pelos naturaes com a passiva indolencia de quem confia inteiramente na muita riqueza que julga inexgotavel, não poderia prever a grande evolução que, num relativo curto espaço de tempo, viria a operar-se.

Mas a evolução deu-se, e para se realizar bastou a mudança do regimen politico que garantio a liberdade, que banio os privilegios, que entrou desassombradamente no caminho dos progressos moraes e materiaes, e assim fez essa nova patria livre e levantada pela intelligencia, pelo trabalho e pela virtude, que hoje se impõe ao respeito mundial, que a admira, e de que Portugal muito especialmente, se envaidece, porque essa patria é sua irman.

Foi no dia 15 do corrente tambem, que, na Capital Federal, o Marechal Hermes da Fonseca recebeu das mãos do Presidente Nilo Peçanha a posse da presidencia da Republica dos Estados Unidos do Brasil.

Hermes Rodrigues da Fonseca é natural do Estado do Rio Grande do Sul, onde nasceu, na cidade de de S. Gabriel, a 12 maio de 1855, filho do marechal Hermes Ernesto da Fonseca e sobrinho do marechal Deodoro da Fonseca, o primeiro presidente da Republica, que proclamou em 15 de novembro de 1889.

Assentou praça aos 16 annos no 1.º batalhão de artilharia a pé, e cursando os estudos da Escola Militar, foi tambem seguindo postos, até que em 1878, tendo concluido o curso, foi colocado no 2.º regimento de artilharia, e depois promovido por antiguidade a 1.º tenente para o regimento n.º 3 da mesma arma e nomeado ajudante do comando das Armas da Provincia do Pará.

Em março de 1880 pediu a exoneração desta comissão em que aliás se havia distinguido, e passou á capital. No anno seguinte foi promovido a capitão, tendo comandado as 2.ª e 3.ª baterias, sempre elogiado nas ordens regimentaes, passou para o estado-maior da Arma em 5 de setembro de 1883 e foi pouco depois nomeado 2.º ajudante da Escola de Tiro do Realengo, comissão de que foi dispensado no anno seguinte e nomeado official ás ordens do comandante da Escola Militar do Rio de Janeiro.

Em 1886 passou ao comando da 2.ª companhia de alumnos e do corpo de engenheiros, auxiliando como instrutor de artilharia e desempenhando tambem o lugar de bibliotecario da escola.

Nomeado ajudante de ordens do conde de Eu, fez parte do seu estado maior effetivo na comissão que levou o marido da princeza Isabel ás provincias do Pará, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, sendo louvado por este serviço em Ordem do Exercito de 6 de abril de 1884.

Assim desempenhou sempre com louvor varias comissões militares até que, em novembro de 1889, tomando parte no movimento militar que depoz o Imperador e proclamou a Republica, ficou logo ás ordens de seu tio o marechal Deodoro da Fonseca chefe desse movimento e do governo provisório.

Por seus relevantes serviços foi promovido a major, sendo tambem secretario particular do presidente da Republica. Em 8 de outubro de 1890 era promovido a tenente-coronel, e pedindo a demissão de secretario do Presidente, foi colocado no comando do regimento n.º 20. Em 1892 foi transferido para o Estado-Maior, e logo depois nomeado director do Arsenal de Guerra do Estado da Bahia.

Havia regressado ao Rio de Janeiro, quando em 6 de setembro de 1893 se deu a revolta da armada. Estando na presidencia da Republica o marechal Floriano Peixoto, este o nomeou para o comando das forças de Nicteroy, e de tal modo se desempenhou da difficil missão, que foi depois louvado em Ordem do Exercito.

Promovido a coronel em 1894, foi encarregado de organizar a Escola de Sargentos no que deu provas da sua illustração militar superior. Com grande competencia desempenhou tambem o comando da brigada policial, ascendendo, em 13 de julho de 1900, ao posto de general de brigada.

Desempenhou tambem o comando da Escola Militar do Realengo e nesta comissão foi surprehendido pela revolta de 14 de novembro de 1904, na sufocação da qual continuou a dar provas da sua energia e decisão, prendendo os ca-



DESTROÇOS PRODUZIDOS PELAS GRANADAS QUE CAHIRAM NO PALACIO DAS NECESSIDADES — SALA INTIMA DO SR. D. MANUEL.  
— BRECHA ABERTA, POR UMA GRANADA NA PAREDE DO VÃO DE UMA JANELA

beças dessa revolta majores Gomes de Castro e Antonio Moraes e paisano Pinto de Andrade.

Nomeado comandante do 4.º distrito militar em 24 de dezembro de 1904, efetuou em setembro de 1905 a mobilização das forças do seu comando, o que de ha muito se não fazia.

Em 1906, já no posto de general de divisão, realizou nova mobilização do exercito com belos resultados. E' ainda nesse anno promovido a marechal e chamado pelo presidente da Republica para a gerencia da pasta da guerra, cargo que desempenhou de forma superior a todo o elogio, promovendo uma completa reforma no exercito, dotando-o com a instrução que distingue os exercitos modernos.

Em 1908 fez sua primeira viagem á Europa, permanecendo por algum tempo em Berlim, onde assistiu ás manobras militares do outono, e estudou a organização do exercito alemão.

Candidato ás ultimas eleições presidenciaes, foi eleito por grande maioria.

Este anno voltou novamente á Europa, como se sabe, demorando-se principalmente na Alemanha onde tratou em especial de contratar instrutores militares para o exercito brasileiro.

Em o n.º 1144 e 1145 se referiu esta revista á visita que o Marechal Hermes da Fonseca fez a Lisboa e á circumstancia muito para notar de ter aqui assistido á proclamação da Republica Portuguesa, no dia em que estava para partir para o Rio de Janeiro.

Se em Lisboa o Marechal Hermes da Fonseca pôde saudar a aurora da Republica Portuguesa, esta apresou-se em o saudar na sua elevação á suprema magistratura da Republica Brasileira, enviando expressamente ás

aguas do Guanabara o *Adamastor*, enquanto em Lisboa se festejava jubilosamente o dia em que essa elevação se realisava e que era ao mesmo tempo o 21.º anniversaria da florescente Republica.

CAETANO ALBERTO.

### Proclamação da Republica em Portugal

#### Os destroços causados pelas granadas no Palacio nas Necessidades

Como documentos para a historia, apresentamos hoje a nossos leitores algumas gravuras re-

presentando os destroços que o bombardeamento pelos cruzadores *Adamastor* e *S. Rafael* produziram no palacio das Necessidades, durante o dia 4 de outubro.

O sr. D. Manuel, porém, tinha já deixado o palacio e retirado para Mafra, tendo, comtudo, assistido ao principio do bombardeamento, em que uma das granadas cahira no seu quarto.

As gravuras mostram os efeitos produzidos pelas granadas em uma das salas intimas do rei, em que quasi desabou o tecto, assim como a grande brecha que abriram na parede junto a uma janela.

Vê se tambem o quarto do rei como ficou ao ser abandonado, deixando sobre uma das cabeceiras da cama a farda que despiu para se vestir á paisana.

Esse quarto é de uma relativa simplicidade de mobiliario, que não destoia de simplicidade de habitos do rei de-

#### A republica Portuguesa reconhecida pelo governo do Brasil

No mesmo dia em que o Brasil celebrava o 21.º anniversario da implantação da Republica, e o seu novo presidente, Marechal Hermes da Fonseca tomava posse da presidencia, realisava o sr. dr. Costa Motta a entrega das credencias que o acreditam ministro plenipotenciario do Brasil junto do governo provisório da Republica Portuguesa.

A cerimonia teve logar no antigo e historico paço de Belem, escolhido pelo governo para estes actos solemnes, e de certo o antigo solar dos Côrtes Reaes e depois paço real, que D. João V ampliou e embelesou com obras de arte, algumas das quaes se perde-



O QUARTO DE CAMA DO SR. D. MANUEL, COMO FICOU DEPOIS DA SUA SAHIDA DO PALACIO DAS NECESSIDADES

ram com o tempo, teria lido em seus fados vir a ser o palácio da Republica!

Não obstante o palácio de Belem ter sido residência real e nelle se terem hospedado muitos reis e príncipes estrangeiros, é todavia certo ser o palácio mais modesto da nação. Não sabemos se por isso mesmo foi o preferido para as solemnidades da Republica, que aliás também se apresenta simples e modesta, isenta das luxuosas ostentações da cõrte.

Entretanto a cerimonia revestiu toda a solemnidade destes actos officiaes.

A entrada do palácio de Belem faxia a guarda de honra o regimento de infantaria com a bandeira e a banda.

Os membros do governo foram conduzidos em *laudais* do Estado a duas parelhas, sendo o *laudau* do presidente seguido de um esquadrão de cavalaria.

O sr. ministro do Brasil foi também conduzido em *laudau* do Estado, acompanhado igualmente por um esquadrão de cavalaria, sendo, tanto á ida como á volta, calorosamente saudado pelo povo que, em grande quantidade, se postára á sahida da legação do Brasil e na praça de D. Fernando, em frente do paço de Belem.

O sr. dr. Costa Motta foi recebido no paço de Belem pelos membros do governo e mais funcionarios de representação official que lhes competia assistir a estes actos, que aguardavam a sua chegada, na sala nobre, onde o sr. Batalha de Freitas, chefe do protocolo, introduziu o illustre diplomata. Feitos os primeiros cumprimentos, seguiram todos para a sala de recepções, onde o



nação portugueza se associa á gloriosa comemoração do dia de hoje». Foram estas as palavras com que o presidente do governo portuguez terminou o seu discurso.

O que estava no animo do governo era compartilhado de facto pela nação, pois nessa noite os estudantes de Lisboa e grande quantidade de povo que se lhes reuniu, foram fazer uma significativa manifestação de simpatia junto da casa do sr. ministro do Brasil e legação brasileira.

#### A visita dos ministros do Interior e da Guerra á cidade do Porto

A recepção que a capital do norte fez aos srs. ministros do Interior e da Guerra, foi uma solemne afirmação de seus principios democraticos, aliás mais de uma vez affirmados na sua historia gloriosa, quer quando combateu pelos principios liberaes, de que foi o baluarte da liberdade, quer ha vinte annos levantando o primeiro grito da Republica.

Desde então não era licito duvidar dos sentimentos democraticos que animavam os portuenses e da influencia que exerceriam em todo o norte do país, do que fóram prova irrefragavel a pronta adesão á

ministro plenipotenciario do Brasil apresentou ao sr. dr. Teofilo Braga, presidente do governo provisório, as credenciaes e leu um afetuoso discurso, pondo em relevo quanto lhe era grato cumprir a honrosa missão de que o seu governo o havia encarregado junto do novo governo portuguez, e o grande empenho que tinha de mais estreitar, se era possível, as relações que existem entre o Brasil e Portugal, para o que contava também com a cooperação do governo da nova Republica.

O sr. dr. Teofilo Braga, respondendo ao ministro do Brasil, leu também um discurso, que lhe foi entregue pelo ministro dos estrangeiros, sr. dr. Bernardino Machado, agradecendo em nome do governo e da nação, as afetuosas palavras que o sr. dr. Costa Motta lhes dirigira em nome do seu país, podendo assegurar que o governo portuguez estava animado dos mesmos sentimentos para com a nação irman, no desenvolvimento multiplo de interesses e solidariedade entre Portugal e Brasil. «O facto desta audiencia se realisar na data solemníssima da festa nacional brasileira ficará significando por maneira eloquente a cordealidade com que a



ENTREGA DAS CREDENCIAES DO MINISTRO DO BRASIL. — O MINISTRO DO BRASIL, SR. DR. COSTA MOTTA AGRADECENDO AS OVAÇÕES DO POVO DE LISBOA — O PRESIDENTE DO GOVERNO, SR. DR. TEOFILO BRAGA, NO REGRESSO DO PAÇO DE BELEM É ACLAMADO PELO POVO — O PAÇO DE BELEM ONDE TEVE LOGAR A ENTREGA DAS CREDENCIAES.

## Visita dos Ministros do Interior e da Guerra ao Porto

Republica proclamada em Lisboa, e o entusiasmo com que logo a aclamaram também.

Recebendo agora a primeira visita dos ministros do governo provisório, não podia o Porto deixar de manifestar toda a sua solidariedade com o novo regimen, expressa na entusiastica recepção que fez aos dois ministros, como outra não terá havido na heroica cidade.

Não se descreve o entusiasmo com que a multidão acolheu os ministros srs. dr. Antonio José de Almeida e coronel Xavier Barreto, principiando pela sua chegada á estação de S. Bento e acompanhando-os pelas ruas da cidade nas visitas que fizeram a estabelecimentos do Estado.



O POVO ACLAMANDO OS MINISTROS NA SUA PASSAGEM PARA A CAMARA MUNICIPAL

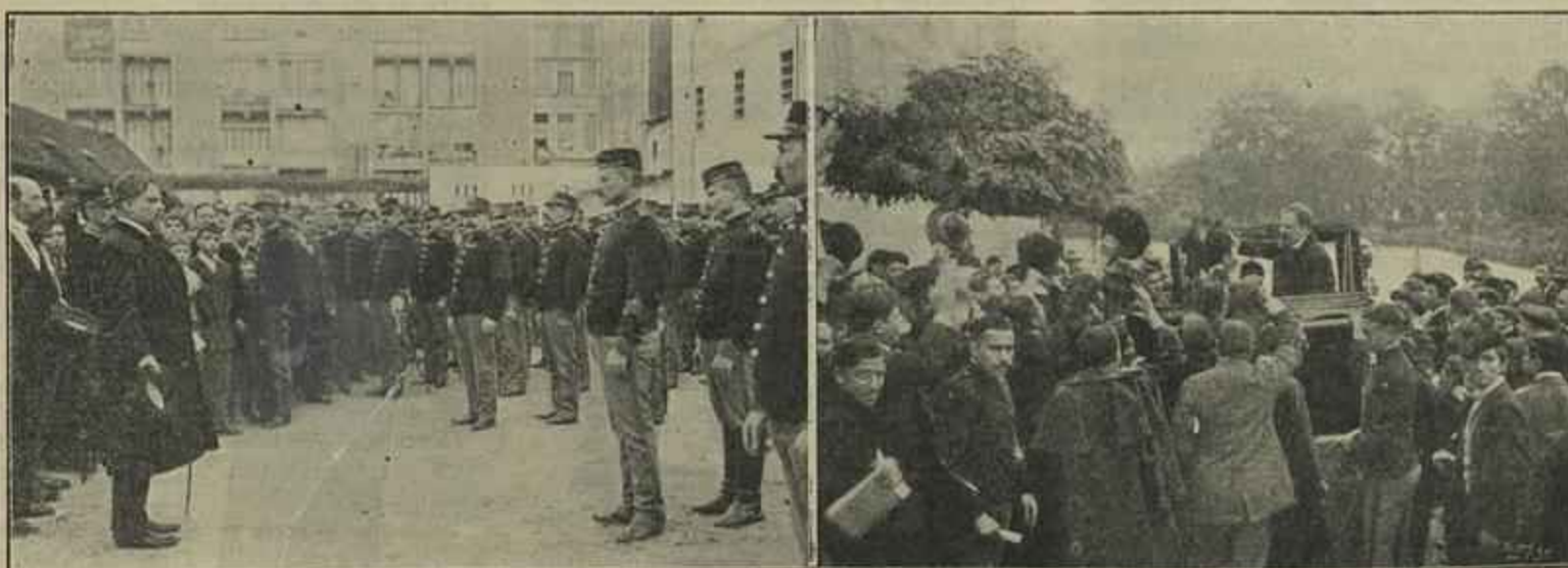
Na Camara Municipal foram os ministros recebidos pelo presidente e toda a vereação, e ali o sr. dr. Nunes Ponte fez um eloquente discurso agradecendo a visita, a que respondeu o ministro do Interior que foi calorosamente aplaudido.

Os ministros visitaram o quartel do Carmo, onde o sr. dr. Antonio José de Almeida falou á guarda republicana, formada na parada do quartel, levantando por fim vivas á Republica e á Patria, que foram correspondidos com grande entusiasmo.

O mesmo ministro visitou depois a Escola Medica, onde foi recebido pelo novo diretor sr. dr. Sousa Junior. Visitou ainda o Instituto Industrial e Comercial, Escolas



O MINISTRO DO INTERIOR NA BIBLIOTECA MUNICIPAL — OS MINISTROS DO INTERIOR E DA GUERRA NAS RUAS DO PORTO



O MINISTRO DO INTERIOR FALANDO Á GUARDA REPUBLICANA, NO QUARTEL — O MINISTRO DO INTERIOR SAUDADO PELOS ESTUDANTES DA POLITECNICA (Instantaneous Benoliel)

Normaes, onde foi recebido pelo director interino sr. Bento Carqueja, a Academia Politecnica, a Escola de Bellas Artes e os Liceus.

Em todos estes estabelecimentos se informou de *visu proprio* do estado em que se encontravam e de quanto é preciso reformar e melhorar, sendo certo que estas visitas se prendem com a reforma da instrução publica em que está trabalhando e conta decretar em breve.

O sr. ministro da Guerra, visitou principalmente os quartéis do Porto, para conhecer de *visu proprio* as obras e melhoramentos que precisam, e para este mesmo fim alongou a sua visita a Guimarães, Penafiel, Viana do Castelo, Braga, Valença, Aveiro e Coimbra.

A visita dos dois ministros á cidade do Porto, realisada nos dias 6 e 7 do corrente, deu occasião a uma verdadeira festa nacional.

A primeira festa foi no Palacio de Cristal, onde os ministros fóram recebidos logo que chegaram. As grandes salas do palacio encheram-se compactamente de povo, que entusiasticamente aclamou os visitantes, cobrindo os de flôres e agitando no ar bandeiras da Republica. As aclamações fóram tão ruidosas e prolongadas que nem permitiram que o sr. ministro do Interior pudesse discursar, levantando se a dar vivas á Republica e á cidade do Porto.

Nos espectáculos a que assistiram nos theatros Aguia de Ouro e Carlos Alberto, receberam calorosas saudações. Visitaram o Club dos Fenianos, onde fóram recebidos pela direcção que lhes ofereceu uma taça de *champagne*.

A' noite houve illuminações na cidade e queimou-se fogo do ar.

### Expulsão das congregações religiosas

Um dos primeiros actos do governo provisório da Republica, foi o decreto de 8 de outubro mandando expulsar de Portugal as congregações religiosas e Companhia de Jesus.

Este decreto declara em vigor para todos os efeitos e imediata execução as leis pombalinas de 15 de setembro de 1759 e 28 de agosto de 1767 que ordenaram a expulsão dos jesuitas de Portugal. Revigora tambem a lei de 28 de maio de 1834, que extinguiu todas as ordens religiosas no país e seus dominios. Anula, por contrario ás ditas leis, o decreto de 18 de abril de 1901, que tornou toleradas no país as congregações religiosas quando dedicadas exclusivamente á instrução, beneficencia ou missões no ultramar.

Os efeitos desta lei muito especialmente destinada aos religiosos estrangeiros, estendem-se tambem aos portuguezes, se estes não quizerem viver secularmente, ou, pelo menos, fóra de comunidades religiosas.

O cumprimento immediato deste decreto teve os seus efeitos na expulsão para fóra de Portugal de cerca de 250 religiosos, de que sahiram parte para as suas nações e os restantes para a Hollanda, embarcando em 5 do corrente, no vapor alemão *Burgermeister*, com destino a Hamburgo, desembarcando os religiosos em Veissigen.

Os instantaneos que publicamos representam os religiosos, que vieram do forte de Caxias escoltados por tropas para o Terreiro do Paço, onde embarcaram para bordo do *Burgermeister*.

E' esta a terceira vez que de Portugal são expulsas estas ordens religiosas, sendo a primeira no tempo do Marquês de Pombal, e a segunda em 1862 quando foram expulsos os Lazaristas e Irmãos de Caridade francezas.

Pelo referido decreto de 8 de outubro, todos os bens moveis e imoveis pertencentes á Companhia de Jesus em Portugal, são declarados pertença do Estado. Os das outras associações ou casas religiosas, são arrolados e sellados até que o governo lhes dê destino, em harmonia com as relações que venham a estabelecer-se entre o Estado e a Igreja.



### A Escripta Nacional ou a Orthographia Portugueza, etymologica e tradicional

Licção theorica e pratica — Lisboa-1910

Indubitavelmente, saber escrever com propriedade a lingua que falamos é, e deve ser, objecto de estudo sério, intuito sequente de quem se préza.

Desde muitos annos já, me captivam as bellezas d'esta nossa lingua, opulentamente rica e em relações mais ou menos proximas e de intimidade

me tenho encontrado com alguns dos seus mais notaveis mestres e cultores contemporaneos. Verifico, entretanto, graves discordancias e irreductiveis divergencias, estabelecendo insuperavel barreira entre elles.

Occorre até, e com sincera magua o digo, que descem ás vezes a campo menos proprio de frias e correctas discussões academicas.

Quizera que os portuguezes instruidos, se mantivessem constantemente na linha de argumentos e de provas, com que se demonstram as verdades e se estabelecem os principios; mas, não tendo sido nem está sendo esta, a letra do código adoptado e cada qual procede como entende.

Uma cousa, porém, não está fóra de nenhum entendimento: a anarchização da escripta portugueza, a falta lamentavel de uma auctoridade incontestavel!

Existem auctoridades relativas, dictionarios volumosos; faz silencio triste a ausencia de uma fonte plenaria e devidamente authenticada!

E' isto, o que se requiere e o bom senso impõe que se provoque, visto de outra maneira ser impossivel em absoluto o apuro de perfeitas originalidades, a seleccionação logica, e o immediato registo perduravel de acquisições fundamentadas.

Não quero formular accusações nem arrogar-me o titulo de censór, mas, evidentemente, não devo calar que, á Academia das Sciencias cumpriria, dando conta da alta missão em que foi investida e em que parece ter-se deixado adormecer, accentuar n'um escripto monumetal da lingua, as verdadeiras regras e os genuinos preceitos da sua escripta.

N'este momento tenho diante de mim o volume cujo titulo encima o presente artigo.

E' seu auctor o official de infantaria Alexandre Fontes, que o dedicou aos BRASILEIROS e PORTUGUEZES, editorando-o por sua propria conta.

Abrange o mesmo volume 446 paginas de texto, em que se comprehende uma exposição doutrinaria grammatical, de paginas 11 a 93 e um *Vocabulario orthographico*, de paginas 97 a 376, seguindo-se-lhe notas, appendices e *Posfácio*.

N'este posfácio definido por seis phrases interrogativas que o abrangem, o auctor sustenta os seguintes principios com que responde ás perguntas previas por elle formuladas:

«Deve fixar-se a escripta da nossa lingua —

«Ha necessidade de proceder-se já á fixação da orthographia nacional —

«Deve dar-se á orthographia portugueza uma feição scientifica —

«A feição scientifica de toda e qualquer orthographia, isto é, da orthographia de toda e qualquer lingua, é sempre a tradicional, que não póde deixar de ser etymologica —

«Admittido, resolvido e demonstrado, que a orthographia tradicional, é a verdadeiramente scientifica, deve tornar-se official o systema orthographico apresentado por quem o tenha sabido admittir, resolver e demonstrar: no trabalho feito por um só, deve haver a unidade ou o equilibrio de plano, que não póde haver no trabalho realisado por muitos —»

Devo acrescentar que, por noticia de jornaes diarios, a secção permanente do Conselho Superior de Instrução Publica, á qual fóra submettido um exemplar de *A Escripta Nacional*, por Alexandre Fontes, emittiu já o seu parecer sobre a alludida obra.

Que ella não é destituida de fundamento e que o auctor se prova estudioso, posso eu asseverar-o n'este lugar, sem reboço de qualquer especie; quanto, porém, ao destino que lhe estará reservado na lusa terra e na terra brazileira, não é isso materia asinha para previsões e calculos precoces.

Estou, todavia, certo de que o Brazil ha de conceder maior attenção ao trabalho de Alexandre Fontes do que nós portuguezes, seus genuinos compatriotas, sempre muito propensos a dizer mal de tudo e de todos e nada dispostos a exame e analyse de assumptos que demandam essencialmente a maxima contenção intellectual e a maxima seriedade.

Ha quantos annos, espera a parte illustrada da nação portugueza o celeberrimo dictionario da famosa Academia, suspenso na letra de um vocabulo que admittie sentido equivoico e correspondente gargalhada?!

D. FRANCISCO DE NORONHA



Olha para dentro de ti; é dentro de ti que está a fonte do bem, uma fonte inexgotavel, provido que a chaves sempre.

## A casa submarina

POB

Max Pemberton

(Continuado do n.º 1147)

Attentos pois a estas coisas, as sentinellas estavam postadas na rocha á borda do mar, parecendo perdigueiros a vêr como os seus amigos caçadores caçavam. Deus sabe como pagaram cara a sua distração.

No cimo da escada tudo estava conforme se me tinha figurado, e antes de lá chegar, bateram-me na cara uns salpicos de agua do mar, e ao mesmo tempo vi como elle rebentava tumultuosamente contra a rocha, quasi aos meus ouvidos.

Nada vendo de extraordinario, cobrei animo e fui subindo até me encontrar de pé sobre a parte mais alta, e espreitando, pude divisar então as brancas cristas das vagas batendo nos cachopos.

Deti-me, conservando uma das mãos livres e tendo na outra o revólver; observei a noite; vi sentinellas vigiando sentinellas, e espias espiando outros.

De pé, analysando o que se passava no mar, lá estavam os dois homens, mas elles não me viram, e espicaçado pelo perigo de que me podessem presentir, agarrei uma das portas do alçapão e fechei-a, dispondo-me a fazer outro tanto á segunda.

Como disse, os dois homens estavam á borda do rochedo, e não deram pela minha presença nem sentiram fechar a porta do alçapão. Mas quando ia a fazer o mesmo á segunda, um d'elles, julgou talvez que eu fôsse algum dos seus, e disse-me não sei o quê.

O coração batiz-me com a força de uma machina de vapor.

Não lhe dei tempo a que me observasse muito, e com um forte empurrão lá foi mergulhar no mar.

O segundo, que estava um pouco mais afastado, sentiu o choque e veiu correndo até perto de mim e fez-me depois uma pergunta em allemão.

Dei-lhe com a coronha do revólver em cheio na testa que o fez perder o equilibrio, e foi fazer companhia ao collega no seio das ondas.

Tornando a descer, fechei então a outra meia porta, corri os ferrolhos e dei volta á chave do grande cadeado.

— Prompto! — gritei para os meus companheiros. — Esta está fechada e bem fechada. Outra porta mais e a noite será toda nossa!

Todos elles me ouviam com assombro. E' preciso não esquecer que esta casa mysteriosa era completamente desconhecida para elles, e só sabiam o que eu lhes tinha dito.

Se me seguiam como valentes que eram, era por amizade para commigo, e pela crença de que eu seria incapaz de os conduzir a qualquer brincadeira de rapazes. Pelo menos foi assim que pensaram quando chegámos á parte alta da casa submarina, e fechamos atraz de nós as portas de ferro.

O caminho que levavamos conduzia ao mar outra vez, e era este o mais desejado para o nosso coração!

Fechando a porta principal da habitação de Czerny, ganhavamos a partida n'aquella noite.

E' facil imaginar as sensações que senti, quando subindo por uma larga escada, um

pouco para além da habitação de Ruth, me encontrei numa grande plataforma da rocha, estendendo-se na minha frente o Oceano, como uma alfombra de prata, e sabendo que estávamos senhores da casa, aquella casa sem rival no mundo, pois não havia homem, nem haverá, que edifique outra assim.

## XIX

**De como pensando nas grandes coisas, se esquece muitas vezes as coisas pequenas.**

Fui eu a primeira pessoa que saltou para a plataforma, depois Peter Bligh e logo quasi a seguir, o italiano.

A que parte do mar conduzia a escada, não sabíamos nós. Já tinha, porém, passado o tempo em que as coisas maravilhosas da casa de Czerny me surpreendiam, e quando por fim nos encontramos n'uma especie de troneira, com portas d'aço a fechal-a, trepei por ella sem vacilar, e encontrei-me ao ar livre, dando-me na cara a fresca brisa do mar.

Já havia pensado que aquella porta seria a principal saída, e agora tinha a certeza de me não ter enganado. Ainda bem a não transpozera e já me parecia que todo o mundo se desenrolava ante meus olhos; a longiqua ilha, o agitado mar, o azulado céu que não viamos ha tantas horas!

A rocha, em que estávamos, levantava-se, recortada e sêcca, sobre o rebentar das vagas a meus pés. Havia pedregulhos enormes que desciam até ao nível das aguas e que ali formavam uma especie de caes onde as lanchas e botes atracavam; outros pareciam desafiar as marés. O silencio da noite só era interrompido pelo rumor das vagas quebrando-se de encontro aos cachopos.

A terrível lucta que tinha figurada na minha imaginação, as vozes de alarme, a peleja para nos apoderarmos da rocha, o desafio aos homens de Czerny, tudo isto não passavam de puras phantasias.

Estávamos de pé sobre a plataforma e ninguém nos tinha impedido a passagem.

Deixem-me descrever-lhes este sitio, para que se possa avaliar mais claramente a nossa situação, e por que simples casualidade a fortuna se voltou para o nosso lado.

Subíramos do coração do recife, pela escada que conduzia á porta d'aço, que se abria em uma das faces da penha mais alta que o nível do mar, ainda nas maiores marés. Uma esplanada que o mar varria, estava por baixo da porta, e nas outras penhas, também sobre o mar, haviam janellas abertas que olhavam para o occidente.

A ilha estava approximadamente a uma milha ao Sul, e mais perto de nós, como se fosse um cabo, um grupo de rochas em fórma de agulhas saindo da agua. Era n'este ponto que se encontrava a porta pequena que tínhamos fechado, e a escada pela qual subiam os homens de Czerny, e que conduzia ao seu refugio.

Mas o que parecia impossivel era terem deixado a entrada principal da casa submarina, sem uma unica sentinella n'aquelles momentos tão criticos.

Se assim não fosse, teria sido facil matar-nos um a um, conforme fossemos subindo a escada, fuzilando-nos sem piedade, e o ruido dos tiros attrahiria aquelles que andavam por fóra, o que montava talvez a mais de cem homens.

Podiam tel-o feito, é verdade, mas o caso é que o não fizeram.

Ninguém nos impediu a passagem, e a nos-

sos pés, lá estava o mar batendo de encontro aos pedregulhos; o ar fresco e puro encheu os nossos pulmões, vivificando-os.

Não sei qual de nós se admirou mais: se eu, por não ver ninguém guardando aquella entrada, se os meus companheiros por a descobrirem.

Todos três, parámos á beira do precipicio que dava sobre o mar, perguntando uns aos outros se tudo aquillo não seria um sonho.

Já disse que o italiano nos seguia como perdigueiro, e foi a elle que fiz a seguinte pergunta:

— Tinhas-me dito que haviam dois homens a guardar esta porta. Onde estão elles, que os não vejo?

Encolheu os hombros repetidas vezes e começou a vociferar na lingua materna.

Quando se tranquillizou um pouco, disse então em linguagem mais intelligivel, apontando na rocha a porta pequena e explicando-me o caso:

— O senhor tem muita sorte, creia. Hafmitz retirou-se d'ali, o seu companheiro também bateu as azas a fim de saber o motivo porque gritavam os companheiros.

Percebi tudo n'um momento.

Tinham dado o alarme no outro extremo do recife, e os homens que deviam guardar a porta junto á qual nos encontrávamos agora, metteram-se no bote, e foram ver o que se passava.

Bem podia crer que a Providencia me tinha guiado aquella noite.

Estávamos assombrados, mas ninguém despregou os labios.

As maravilhas que tínhamos visto; aquella casa mysteriosa parecida com os palacios de fadas descriptos nas *Mil e uma noites*; as luzes phantasticas e os salões por onde tínhamos passado e, agora, esta plataforma sobre as rochas, que a agua vinha beijar, a ilha toda envolta em nevoeiro, e lá mais adiante; o recife do Peixe-espada; tudo isto eram coisas para nos fazer pulsar o coração e paralyzar a lingua.

Parecíamos estatuas observando o outro lado do mar. Eu era o unico que sabia quanto nos faltava ainda para nos julgarmos a salvo.

Peter Bligh foi o primeiro que se deixou de contemplanções e, sacudindo se como um cão, chegou-se a mim para me dizer:

— Isto é um milagre, capitão, é um milagre com duas portas. E até me atrevo a dizer que se o meu capitão tem a chave da outra, então estamos longe de ser vencidos.

(Continúa)

RICARDO DE SOUZA.

## NECROLOGIA

## General Bartolomeu Sezinando Ribeiro Artur

Mal estinto ainda pelas quebradas dos montes que se estendem para o norte de Lisboa, o reumbar dos canhões disparando no alto da Avenida, falecia na manhã de 6 de outubro, na sua residencia da Estrada de Bemfica, n.º 146, o general de brigada da reserva, Bartolomeu Sezinando Ribeiro Artur, ao qual uma doença de coração torturava ha cerca de dois annos.

Muito concorreu para este triste desenlace a impressão moral que no doente fizeram, seguramente, os acontecimentos dos dias 4 e 5, tão proximo elle se encontrava do campo da revolução, onde tantas vidas se sacrificavam no altar da patria, onde, emfim, quantos camaradas seus se batiam, sujeitos á sorte das armas. Isto se revolveia no seu espirito de militar brioso em luta com seu bom coração, ninho de delicados sentimentos, que faziam d'elle um artista apaixonado, para

quem o lapis, o pincel ou a pena não eram attributos menos honrosos do que a espada.

Sim, aquellas horas de luta, cujos ecos nitidamente chegaram a seus ouvidos, fôram a ultima tortura a que seu coração já não pdeu resistir, e morreu!

A sua morte, naquelles dias em que os espiritos andavam tão preocupados com os tragicos acontecimentos que se desenrolaram na cidade, passou quasi despercebida, e nem sequer muitos dos amigos de Ribeiro Artur o puderam acompanhar á sepultura, no cemiterio de Bemfica, por estarem interrompidas as comunicações para aquelles lados de Lisboa.

Foi o que nos aconteceu quando pretendemos ir prestar essa ultima homenagem pessoal ao querido amigo e antigo colaborador desta revista, que tantas vezes abrilhantou com os seus desenhos e com os seus escritos.



GENERAL RIBEIRO ARTUR

Vae em trinta e tantos annos que conhecíamos Ribeiro Artur, quando pela primeira vez nos appareceu, na redacção do OCCIDENTE, com a sua colaboração artistica.

Era ainda tenente de infantaria 16, e tentava seus primeiros desenhos de monumentos ou logares historicos. Depois dedicou-se á aguarela, fazendo parte do grupo do Barracão da Cotovia, onde Casanova era o professor.

Aproveitou bem esse estudo, e começou a investigar pelos arquivos militares e por quantos documentos pdeu alcançar com o tempo, elementos para reconstituir figurinos dos antigos uniformes do exercito portuguez, de que quasi nada havia.

E' este um dos seus trabalhos mais importantes, como se pde ver em as nossas exposições de Arte, e como se pde ver no Ministerio da Guerra e no Museu de Artilharia.

Em nosso poder temos uma reprodução grafica da sua ultima aguarela, que breve publicaremos no OCCIDENTE, e que é uma bela pagina reconstituída do passado, com muita arte e verdade historica.

Critico de arte, como tal colaborou em jornaes e revistas. Neste sentido o seu trabalho mais notavel são três volumes que publicou sob o titulo *Artes e Artistas Contemporaneos*, que bem se pde considerar uma historia contemporanea de arte e artistas portuguezes, muitos dos quaes conheceu de perto, numa convivencia de que se orgulhava, como quem verdadeiramente se sentia no seu elemento.

Entretanto, Ribeiro Artur não descurava os estudos militares e publicou, em 1896, *Manual para uso do soldado de infantaria, Teorias nas casernas, Educação militar do soldado, A legião portuguesa ao serviço de Napoleão (1808 a 1813), Os caçadores portuguezes na guerra peninsular*, etc.

Bartolomeu Sezinando Ribeiro Artur, nasceu em Lisboa por 1851, filho de Sezinando Ribeiro Artur, que foi um dos muitos emigrados de 1828 e que depois se bateu no cerco do Porto, como official do 10 de infantaria e veio entrar em Lisboa com o duque da Terceira. Sua mãe era de descendencia franceza, contando nos seus ascendentes artistas de merecimento, o que explica, por atavismo, a pronunciada inclinação de seu filho para as artes.

Assentou praça em 1867 e fazendo o curso da Politecnica e da Escola do Exercito, foi promovido a alferes em 1873, seguindo regularmente os postos até ao de coronel, em 1903, indo comandar o regimento de infantaria 14, de Vizeu. Aco-

